

O Jornal da Baixada e o papel da imprensa alternativa na divulgação dos movimentos sociais na Baixada Fluminense (1979-1980)

ADRIANA MARIA RIBEIRO*

Neste breve texto, pretendemos esboçar algumas considerações preliminares da pesquisa que começamos a realizar no Mestrado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nossa pesquisa tem como objeto e fonte de estudo o Jornal da Baixada: um periódico alternativo idealizado por militantes da Ala Vermelha, enquanto estratégia política. A partir de 1974, após realizar a autocrítica em relação à luta armada, essa tendência de esquerda procuraria novas alternativas de luta política, privilegiando a atuação de seus militantes junto às classes trabalhadoras e nos bairros populares. Seguindo uma nova orientação política, Ala passaria a organizar centros culturais e publicações voltadas para os movimentos operário e popular, a exemplo do Jornal da Baixada - que circulou na região metropolitana do Rio de Janeiro entre 1979 e 1980. Sua existência situa-se, portanto, na transição do governo do General Ernesto Geisel para o governo do General João Batista Figueiredo - que respectivamente, marcariam o projeto de abertura política e o retorno do país à democracia.

Sobre a cobertura feita pelo Jornal acerca de questões ligadas ao movimento operário e ao cotidiano dos moradores dos municípios da Baixada Fluminense, notamos a opção dos redatores por uma linguagem coloquial e uma postura ideológica pautada pela luta de classes, o que ficou evidente nas reportagens, sobretudo, acerca do movimento de trabalhadores. O objetivo do JOB (como o periódico ficou conhecido) era o de funcionar como porta-voz dos movimentos sociais em curso nos municípios da Baixada Fluminense à época.

Cabe ressaltar que, não é nossa intenção aqui aprofundar o debate acadêmico sobre o papel desempenhado pela imprensa alternativa durante o contexto de abertura política no Brasil, mas mensurar a forma como o Jornal da Baixada discursou em nome dos movimentos sociais em curso naquele momento na região da Baixada Fluminense. Feitas as ressalvas, passaremos para a apresentação do Jornal. Na primeira edição,

* Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

publicada em 15 de maio de 1979, o *Jornal* apresentava-se da seguinte maneira à população:

POBRE, ATREVIDO, INDEPENDENTE – O JORNAL DA BAIXADA nasce do esforço dos moradores e trabalhadores da Baixada e conta com a colaboração de um grupo de jornalistas. O Jornal da Baixada quer estar junto das associações de bairro, dos sindicatos de trabalhadores e de outras entidades da região para transmitir suas opiniões, levantar suas reivindicações, exigir soluções. É mais um instrumento de luta pela melhoria das condições de vida do povo. (...) O Jornal da Baixada nasce para viver a vida do povo da Baixada Fluminense.

(JORNAL DA BAIXADA, nº 1, 15 de maio de 1979, p. 2)

De acordo com o editorial, as páginas do JOB eram dedicadas a dar voz aos movimentos sociais, em especial às associações de bairro e aos sindicatos, considerando que moradores e trabalhadores não dispunham de instrumentos independentes que abordassem seus problemas e expressassem suas opiniões. No cumprimento de sua função social, o periódico colocava-se à disposição da população, estimulando-a a participar de sua elaboração: “Este é o seu jornal... Mande notícias. Conte o que está acontecendo no seu bairro, na sua fábrica, no seu trabalho”.

Entre as principais colunas que compunham o JOB estavam a *Povo fala* e *Agora eu escrevo*, para as quais os moradores enviavam suas queixas a respeito dos problemas em seus bairros e denunciavam o abandono do poder público em relação aos serviços de saúde, transporte, saneamento básico e educação. E a *Baixo Astral*, que de forma bem-humorada, trazia as previsões pessimistas do zodíaco para a política nacional e sobre os desafios cotidianos a serem enfrentados pelos trabalhadores:

Áries: Perspectiva de aumento salarial este mês. Também, pudera. Depois de passar um ano inteiro com o mesmo e minguado salário, você receberá um pequeno reajuste. Mas não se empolgue tanto, pois em julho ele não valerá mais nada. Dia de sorte: terça-feira. Pode chegar atrasado ao trabalho. Mas antes verifique qual é o dia de sorte do seu patrão. (Ibidem, p. 7)

A matéria de capa desse número foi dedicada à péssima qualidade do serviço de transporte na Baixada Fluminense. Duas páginas foram destinadas exclusivamente ao assunto. Nelas, os redatores denunciaram a precariedade do transporte público coletivo na região, o monopólio das empresas de ônibus sobre as linhas e a superlotação dos veículos. Esses fatores dificultavam a vida e o deslocamento de milhares de pessoas, em

especial, os trabalhadores e prejudicavam diretamente àqueles que dependiam do serviço de transporte público rodoviário para se locomoverem. De modo semelhante ao ocorreria nas edições seguintes, os desafios cotidianos da população foram retratados de forma crítica e irreverente, conforme sugere a ilustração abaixo.



(Ibidem, capa)

A primeira edição trouxe ainda uma extensa entrevista com o líder do Sindicato dos Metalúrgicos na Baixada Fluminense, Joaquim Arnaldo, migrante nordestino que chegou à Baixada na década de 1940. No depoimento, o operário falou sobre a perspectiva dos trabalhadores da metalurgia em relação à luta por reajustes salariais e criticou as comemorações organizadas pelos sindicatos e autoridades em torno do 1º de Maio – que segundo ele não cumpria seu papel histórico de luta do operariado. Seguindo essa tendência, a edição seguinte, trouxe uma entrevista com João Carlos de Araújo Santos, secretário do Sindicato dos Petroquímicos de Duque de Caxias, na qual o sindicalista enfatizou a luta dos trabalhadores pelo salário unitário, as experiências aprendidas com as greves no ABC paulista e a importância do restabelecimento das liberdades democráticas no país.

No que diz respeito ao discurso jornalístico de apoio ao movimento operário, além das entrevistas com líderes sindicais foi criada a coluna *Chico Bé*, personagem que falava em nome dos trabalhadores. Com irreverência, o redator da coluna apresentava a personagem e explicava o seu papel:

Meu nome é Chico Bé, isto é Chico Berro. De tanto o pessoal chamar, o Berro foi diminuindo, que nem o governo faz com o salário do trabalhador a cada ano que passa, que acabou ficando no Bé. Aceitei por uma razão simples: alguém tem que falar dos trabalhadores da Baixada, dizer o que está errado (...) sem medo de apelação. Se um trabalhador conta o que está acontecendo na fábrica dele, se sai o nome de quem falou, no dia seguinte é

olho na rua. Se o amigo aí é inteligente, já viu onde eu quero chegar. É só me contar que aqui ninguém mexe comigo. Aqui ninguém me demite, tenho carta branca para dizer o que penso.

(Ibid, p. 8)

A coluna *Chico Bé* teve um papel bastante importante na divulgação das greves que marcaram o ano de 1979 na cidade do Rio de Janeiro e nos municípios da Baixada Fluminense. A personagem ganhou destaque ao noticiar as greves e ao denunciar os abusos cometidos por chefes, patrões e autoridades policiais contra os trabalhadores. Dois episódios receberam atenção especial do Jornal: a “greve dos 250 mil” metalúrgicos do Rio de Janeiro e a greve dos operários da FIAT DIESEL de Duque de Caxias. Ambos os acontecimentos foram enfatizados em edições-extras do Jornal, voltadas exclusivamente para a cobertura dos movimentos grevistas. No dia 01 de agosto entrava em circulação a edição dedicada à greve dos operários da FIAT, trazendo a retrospectiva dos acontecimentos que antecederam à paralisação, as tentativas de negociação entre patrões e empregados e reportagens sobre o apoio de diferentes setores sociais ao movimento. Nessa edição-extra o *Jornal* publicou a “Carta à população” redigida pelos operários da FIAT com o objetivo de expressarem à sociedade as razões pelas quais estavam em greve:

A FIAT é, das indústrias automobilísticas, a que paga salários mais baixos. Não temos garantia no emprego. A FIAT demite quando, quando e a quem lhe interessar. A demissão é mais uma arma dos patrões contra os trabalhadores (...) A comida na fábrica é péssima. Muitas vezes nos são servidos alimentos podres. Não nos é garantido o mínimo necessário para mantermos nossas energias para enfrentarmos o trabalho estafante. (...) Trabalhamos sob um barulho constante e de intensidade superior ao permitido por lei e não recebemos taxa de insalubridade. Trabalhamos aspirando fumaça e gases tóxicos, óleo e querosene e não recebemos insalubridade. Trabalhamos sob temperaturas superiores a 40° C e não recebemos insalubridade. Isto é “privilégio” só de alguns escolhidos pela empresa. Reivindicamos adicional de insalubridade e prêmios de periculosidade. Não é uma exigência a mais e uma questão de direito. (...) Trabalhamos em funções iguais e recebemos salários diferentes. Isso só interessa aos patrões que assim aumentam os seus lucros através de pagamentos de salários mais baixos, além de incentivar a competição entre os operários. Reivindicamos equiparação salarial. Função igual, salário igual...

(JORNAL DA BAIXADA, edição extra, 01 de agosto de 1979, p. 4)

Na perspectiva do Jornal, a greve representava a luta dos trabalhadores na defesa de seus direitos. Ao narrar a sequência dos acontecimentos, o JOB também denunciou o recurso à violência lançado pela direção da fábrica para coibir as manifestações dos trabalhadores:

A direção da FIAT, (...) chamou a polícia para dentro da fábrica. Os trabalhadores, que discutiam pacificamente seus problemas, protestaram: “Não somos ladrões. Somos trabalhadores. Vão prender os ladrões. Nos deixem em paz”, gritavam para os PMs que circulavam nas proximidades do portão, armados de metralhadoras, capacetes, escudos. (...)

(Ibidem, p.2)

Em todas as edições verificamos preocupações com a causa operária e notícias sobre o cotidiano dos trabalhadores. Embora o Jornal tenha enfatizado os desafios experimentados pelos trabalhadores urbanos, também publicou reportagens sobre os problemas enfrentados pelos pequenos agricultores na Baixada Fluminense e a difícil luta pelo acesso à terra na região.

Por fim, ressaltamos que além de seu envolvimento com as demandas locais e com a luta dos trabalhadores, o periódico fomentou o debate em torno dos grandes temas nacionais como, por exemplo, as campanhas contra a carestia, pela anistia política e pelo restabelecimento da Democracia. Apesar de outros jornais alternativos que circulavam no país na década de 1970, o JOB abordou temas ligados à cidadania e à conjuntura nacional, demonstrando engajamento nas lutas sociais e políticas em curso no Brasil daquele momento.

Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “A luta democrática contra o regime militar na década de 1970.” In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.) *O golpe e a ditadura: quarenta anos depois (1964 – 2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

MENDONÇA, Sônia Regina de & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964 - 1992*. Rio de Janeiro: Ática, 1994. Série Princípios. 3a. Edição.